

A ofensiva da Seplan

Anuncia-se que o titular da Seplan está iniciando a elaboração de um novo projeto, qual seja, um plano de longo prazo para a economia nacional. Este não se confundiria nem com o I PND da Nova República, nem com as diretrizes recentemente enunciadas pelo ministro da Fazenda, tidas como sendo de curto prazo. Alguns nomes, aliás, já estão sendo cogitados para essa tarefa, embora a Seplan ainda não disponha de um secretário-geral.

Independentemente das boas intenções de que possa se revestir essa iniciativa, patram dúvidas quanto à sua viabilidade. Com efeito, a proposta de mais um plano surge num momento de particular instabilidade da política econômica e da equipe por ela responsável. Não seria de surpreender que os convidados pela Seplan declinem respeitosamente o convite. Afinal, não existem sinais confiáveis de que o atual titular da Seplan possa permanecer tempo su-

ficiente no cargo para dar seqüência a essa proposta. De outra parte, cabe ressaltar que o governo dispõe do I PND, de um plano agrícola e de diretrizes de curto prazo, por mais frágeis que sejam. Recorde-se que, em 86, quando o I PND foi divulgado, as críticas concentraram-se sobre a falta de clareza quanto à origem dos recursos para financiar a consecução dos objetivos propostos. E, a rigor, o quadro não sofreu alteração até agora, ao contrário, deteriorou-se sobremaneira. Na visão do ministro da Fazenda, por exemplo, o crescimento econômico do Brasil depende da boa vontade dos banqueiros externos, o que descarta a necessidade de qualquer tipo de plano, a curto, médio ou longo prazo...

Raramente falou-se tanto em planos para uma economia. O último de que se tem notícia oficial foi arquitetado pelo ex-ministro João Sayad, mas seu aproveitamento foi adiado sine die, segundo o ministro

Dílson Funaro. Tratava-se de um programa de estabilização a curto prazo, demastadamente elementar e que se apoiava novamente no congelamento de preços. Na mesma época, sobravam controvérsias a respeito da elaboração de outro plano, desta vez pelos economistas que haviam produzido o cruzado. A medida que a crise econômica ganha terreno, sucedem-se as propostas, os planos, programas etc, enquanto a política econômica peca pela base. Recorde-se ainda que a saída de João Sayad deveria permitir maior unidade de ação à Fazenda, além de eliminar um foco de crítica aos seus múltiplos erros de atuação. Agora, a Seplan volta à carga, tentando montar um grupo cuja composição deira entrever que o plano resultante talvez seja imbuído do devido realismo que o momento inspira. Mas as indefinições políticas podem arruinar esse projeto, que só poderia vicejar com outra equipe no comando da economia.